

245

Os Reajustamento da Doutrina

(O conceito moderno da defensiva)

pelo Cel. J. B. MAGALHÃES

O caráter empírico e eminentemente experimental do que chamamos *doutrina de guerra*, sujeita as regras e preceitos de que ela se constitui à necessidade de revisões constantes. Nela o único elemento fixo, permanente, básico e imutável — é a maneira de raciocinar para solucionar os problemas, a qual alude a um método positivo, nimiramente cartesiano. Em virtude mesmo desse método, e à sua luz, devem sempre ser revistas as conclusões estabelecidas sobre os procedimentos a observar no campo de batalha. É uma necessidade que se impõe sempre que se empregam novos meios de combate, ou que se aperfeiçoam os meios conhecidos ou os processos de seu emprego. Impõe-se também, lógica, ou conseqüentemente, em virtude das reações do inimigo e como um recurso para dominá-lo ou sobrepujá-lo.

As necessidades de uma tal revisão manifestam-se logo que as guerras se iniciam, visto como os meios criados em tempo de paz, ou aperfeiçoados, não podem ser conveniente e completamente experimentados.

As guerras em geral, *pode-se dizer sem erro*, desde o seu início, começam a adquirir uma feição *sempre diferente* do que, no tempo de paz, se havia imaginado. É que cada qual faz previsões decorrentes de seus próprios conhecimentos e do pouco que sabe a respeito do adversário. Ora, quando se manifestam as reações de uns e de outros, surgem logo necessidades de adaptação das idéias e das condutas *aos fatos*, às realidades, que se vão focalizando.

A novidade *desta guerra* foi o emprêgo em massa das formações *motomecanizadas*, com apoio da aviação. Os estados-maiores conheciam o fenômeno, previam as possibilidades desse emprêgo e muitos escritores militares tanto franceses como germânicos, mostraram tê-lo pressentido e compreendido nitidamente.

A execução, porém, feita pelos alemães com minuciosíssimo preparo foi para todos, inclusive eles mesmo, *uma surpresa*, isto no sentido da extensão de suas consequências.

Era uma *nova forma de ofensiva*, resultante do emprego mais rendoso de velhos meios aperfeiçoados. Obedecia, como ofensiva, às mesmas regras e princípios conhecidos sôbre esta fórma da guerra, mas tomava uma ampliação jamais vista.

O *sistema defensivo* todo montado ara fazer face às *primitivas formas da ofensiva*, ou melhor, a *ataques de menor amplitude*, entrou logo em cheque. Muitos entre os que não tinham ainda bem assimilado o que é uma doutrina de guerra, gritaram logo, aturdidos pela idéia de que tudo que se sabia a respeito estava por terra — que havia na tática, na estratégia, na guerra... uma revolução apocalíptica...

Na realidade, porém, para os que tinham noções certas a respeito da guerra, da estratégia e da tática, havia surgido apenas uma necessidade de reajustamento de metodos e processos às novas circunstâncias, e isso, em *escala intelectual*, muito menor do que poderia parecer a primeira vista.

E' curioso ágora notar-se que, a nova fórma da ofensiva — a famosissima *blitzkrieg* acabou por ser surpreendida, a bem dizer-se, por seu turno, desde que a defensiva se reajustou.

A primeira grande experiência, a esse respeito foi feita pelos russos, cujas concepções sôbre as novas condições da guerra mostraram ter sido mais completas que a dos alemães, exacto apenas num ponto.

Eles viram bem a nova fórma da defensiva desde o inicio da guerra, apenas não deram aos seus *elementos novos* uma

organização apropriada (1). Dispuseram-se em *profundidade*, mas suas massas de contra ataque com elementos motorizados, mostraram-se no inicio, em 1941, insuficientes.

No decorrer da guerra, os russos, os ingleses e os americanos, que não tardaram em medir rigorosamente toda a extensão dos fatos novos e a tirar deles as consequencias para encontrar respostas convenientes, trataram de crear meios novos, aperfeiçoar os existentes e adotar metodos, que a seu turno surpreenderam os próprios alemães. Estes continuaram a pôr toda sua fé nas concepções com que iniciaram a guerra, se bem que já houvessem surgido novas condições...

Mas o que é para nós curioso constatar é que as *diferenças de doutrina*, são de fato muito pequenas em face de nossas *concepções capitais*, mesmo na *defensiva*.

* * *

O Ten. Cel. Jay C. Whitehair, de cavalaria e instrutor da Escola de Comando e Estado Maior de Kansas, nos Estados Unidos, publicou na *Military Review*, sob o título — *o conceito moderno da defensiva* — um interessantissimo artigo a respeito do assunto de que aqui se trata. De uma claresa e precisão notaveis, mesmo raras de encontrar-se entre os que se ocupam de tal materia, dá uma idéia nitida a respeito das modificações fundamentais impostas pela nova guerra à concepção da defensiva e mais do que isso, documenta *com esplendor*, o que é mais importante para nós, como se procede aos reajustamentos de uma doutrina.

Vejamô-lo.

Poucos técnicos da guerra, diz ele permanecem estáticos ou inertes. A *doutrina principal* pode ficar imutavel por longos periodos, mas os pormenores de sua aplicação variam às vezes tão completamente que o oficial de estado-maior — o obreiro da doutrina — assinala consideraveis mudanças.

1) — Vêr n. 341 de "A Defesa Nacional", de Outubro de 1942, O segundo Turno da Rússia.

A utilização do motor a explosão, não alterou os básicos conceitos da *mobilidade* e da *capacidade de manobra*, mas alterou as condições de *tempo e de espaço*, fatores com que um oficial de estado-maior deve lidar. Houve, em consequência de sua utilização, mudanças notáveis na luta em terra e no ar. (2) Adaptamo-nos belamente e depressa ao uso dos motores, e sem demora modificamos os calculos para nossos movimentos, reuniões de fôrças, ataque e exploração do êxito. Foi fácil no que diz respeito à ofensiva, porque isso dependia de nossa iniciativa. Custamos, porém, mais em reajustar nossa técnica de combate defensivo correspondente às situações em que a iniciativa cabe ao inimigo. Há uma razão logica para isso : não se pode formular um plano acabado para conter um ataque, sem se saber com que fôrça e como será este desencadeado.

Muitos estudos foram feitos a respeito da técnica de ataque japonesa e notavelmente alemã, dos pioneiros da guerra, para revisão de nossas concepções sôbre a defensiva. Não foram eles, porém, levados até o ponto de tudo ficar bem conhecido como a palma da mão (3). Os fatos verificados nos atuais campos de batalha não podiam ainda dar resposta definitiva às perguntas — Em que proporção? Enquanto tempo? Em que profundidade? Em que largura? Em que oportunidade? Com que ?

Em maio de 1940, vimos a ruptura da Linha Maginot, esmagamento, penetração por super ampliação de potencia e rapidez. Vimos as longas colunas lançando-se para longe através das posições francesas. Supuzemos que “estas longas e sinuosas colunas” não poderiam subsistir e seriam cortadas. Isto, porém, não se deu. Percebemos então estar testemunhando a falência do *sistema de defesa linear* (4). Começavam a surgir modificações no terreno das retaguardas...

Desde então, as maiores nações iniciaram profundos estudos baseados em algumas valiosas informações resultantes

(2) — Também no mar.

(3) — handswere shown.

(4) — O grifo é nosso.

experiência de seus aliados; dos quais damos a seguir algumas indicações. Faremos, quanto possível, a comparação entre as modernas técnicas defensivas e aquelas outras com as quais nós já estamos mais familiarizados.

Idéia básica — Uma situação defensiva resulta *de decisão de comando*, (4) e — cumprindo assinalar que ela por si só não dá a vitória na guerra (5) — pode ser adotada para:

- ganhar tempo — para, por exemplo, constituir reservas, acumular recursos materiais; receber refórcos;
- economizar efetivos necessários noutros pontos;
- interdizer ao inimigo o acesso em território de importância tática, estratégica ou política.

Pode, porém, haver necessidade de se adotar uma atitude defensiva *independentemente de ordem do comando*.

Há, então, duas noções a considerar: a de *defensiva delibada previamente* e a de *defensiva improvisada*.

Para melhor clareza, e por conveniência didática, nossa posição se desenvolverá em torno da idéia de uma *defensiva deliberada*. Não devemos, porém, perder de vista que há circunstâncias em que se terá de proceder à *defensiva improvisada*. A idéia que deve ser considerada atentamente para se combater o inimigo o mais idealmente possível, isto é, nas melhores condições.

Vantagens da defensiva — Merece este assunto toda a atenção. O valor da defensiva depende do modo de compreendermos as vantagens que ela oferece. São estas:

- permite escolher o terreno em que se quer travar a batalha;
- é possível acrescer o valor *intrinseco deste pela organização*;
- ha lazer para estudá-lo minuciosamente, a-fim-de estabelecer *a priori* a conjugação dos fôgos.

— O grifo é nosso.

— Ha aí um modo absoluto de falar que merece boa ponderação.

Essas vantagens constituem a *única* superioridade da defensiva e delas, *para não perdê-las*, é preciso saber tirar todo partido.

Desvantagens da defensiva — A pior de todas é a perda da iniciativa nas operações. O atacante pode grupar um *maximum* de forças, para exercer uma ação decisiva, num ponto por ele escolhido enquanto o que se defende precisa poder ser forte em toda parte. Resulta daí que este, para contrabalançar tal desvantagem, necessita *organizar-se* em profundidade para não ser destruído pelo primeiro choque potente do adversário e também adotar um dispositivo flexível, que lhe permita concentrar meios, o mais cêdo possível, para atuar contra o centro de *potência das forças* atacantes. Isto requer haja mobilidade em todos os escalões.

Além disso, a defesa deve ser capaz de resistir ao ataque vindo de todas as direções e suas reações vivas devem ter um caráter agressivo para que não possa ser destruída metódicamente, parte por parte.

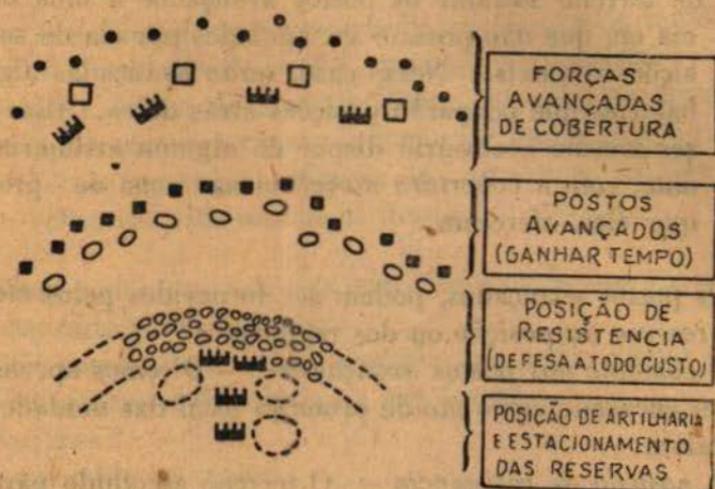
Nada, porém, tem mais importância que a necessidade de *proteger-se, enterrando-se, localizando convenientemente homens e meios, utilizando todos os recursos que possam furtar a vida na superfície do terra.*

A esse respeito todo o mundo está de acôrdo, e seria, portanto, supérfluo discutir o assunto. Vejamos, então, o que nos interessa particularmente, a *técnica* de sua realização.

A doutrina. A doutrina da defensiva consignada em nos Regulamento de Serviço em Campanha fica imutável: “Considera a organização do campo de batalha para sua defesa a todo custo, o emprego de forças de cobertura para retardar, desmembrar o ataque do inimigo e encobrir dele a verdadeira posição da defesa” (6).

A cobertura da posição defensiva — É uma questão que depende frequentemente do Alto Comando, e que constitue

(6) — Nenhuma diferença ha nesse ponto para os regulamentos brasileiros que tratam do assunto. J. B. M.



(Fig. 1)

bem dizer um caso a parte, uma operação particular. Limitamo-nos por isso a assinalá-la e, apenas, a lembrar que é realizada por forças moveis que operam a distancia na frente da posição defensiva com a missão de iludir o inimigo e retardar seu avanço. (Fig. 1).

Os postos avançados — Cobrem a posição de perto, a cerca de 5 a 8 km. de distancia e sua colocação atende ao seguinte :

- 1) — Tem por missão dar tempo aos ocupantes da posição de resistência para se prepararem para receber o ataque e iludir o inimigo a respeito da verdadeira situação desta;
- 2) — Cobrem as zonas dos observatórios para permitir a defesa ter vistas profundas sobre o *terreno do inimigo* e assegurar o emprego do fogo de artilharia por tiros observados;
- 3) — Forçam o atacante a um desdobramento prematura dos meios, denunciando assim onde exerce seu *esforço principal*, ou qual é *especificamente esse esforço*;
- 4) — Devem ser apoiados por escalões avançados de artilharia leve. Mas pode ser necessário, em virtude de razões

de terreno instalar os postos avançados a uma distância em que não possam ser apoiados por ela de suas posições normais. Nesse caso, serão avançadas algumas baterias que ocuparão posições atrás dêles. Aliás pode ser mesmo necessário dispor de alguma artilharia adiante, com a *cobertura movel* ou na zona de proteção que eles oferecem.

Os postos avançados, podem ser fornecidos pelos *elementos de reserva da posição* ou dos regimentos.

O combate nos postos avançados — Diremos apenas que deve ser encarado como ato de proteção local das unidades que os instalam.

A posição de resistência — O terreno escolhido para sua instalação é examinado destes cinco pontos de vista :

- 1) — Observação;
- 2) — Campos de tiro;
- 3) — Proteção e segredo;
- 4) — Obstáculos;
- 5) — Comunicações.

Aí estão cinco fatores ou razões de preferência a considerar na escolha do campo de batalha defensivo, as quais raramente poderão ser satisfeitos no mesmo grau. Ha necessidade de *ponderá-los* em cada situação específica.

Não se podem determinar regras gerais a esse respeito, mas podem-se fazer algumas indicações para orientar o critério a observar no exame desses fatores. Tais são :

- se as informações sôbre o inimigo indicam que ele é forte em engenhos blindados, prepondera a importância do obstáculo (7).

(7) — Esta importancia do obstáculo sem que desapareça, sem dúvida, parece diminuida se o defensor possui massa de artilharia auto propulsora bastante rica para formar barragens profundas e capazes de impedirem rapidamente o avanço dos carros em qualquer terreno, como parecem empregar os russos. J. B. M.

- se o inimigo tem supremacia aérea, o mais importante é o que entende com a *proteção* e o *segrêdo*;
- se a defesa deve ser de longa duração, as comunicações com a retaguarda merecem muita atenção;
- se se aguardam reforços de artilharia, as zonas de observatorios tornam-se muito importantes.

Estas e outras numerosas considerações devem ser computadas em cada caso particular.

Seja como fôr, a defesa gostaria de poder dispor de um terreno não compartimentado na sua frente.

Por que ?

Aqui estão as razões :

- 1) — Os campos de tiro e observação seriam praticamente continuos através da frente;
- 2) — Os fogos de toda frente poderiam convergir sôbre o atacante em qualquer ponto que surgisse, sem mudança dos observatórios;
- 3) — Seria facilitada a montagem de um sistema de fogos cruzados em flanqueamentos;
- 4) — O atacante teria de neutralizar uma frente relativamente larga.

Ao contrário, o atacante estimaria dispôr de um terreno compartimentado.

Por que ?

Estes são os motivos:

- 1) — O ataque ficaria protegido contra o fogo das armas que não batessem diretamente o compartimento;
- 2) — A observação, para a artilharia inimiga ficaria limitada pelos terrenos laterais às paredes do compartimento;
- 3) — A *zona de fogo da defesa a neutralizar* seria reduzida ao que interessa aos lençois de fôgo que batessem o compartimento e a observação da artilharia a ele correspondente.

Na realidade, o que atrapalha, é que o terreno nunca realiza condições ideais para a *defesa* ou o ataque. Em regra se apresenta como se vê da figura 2.

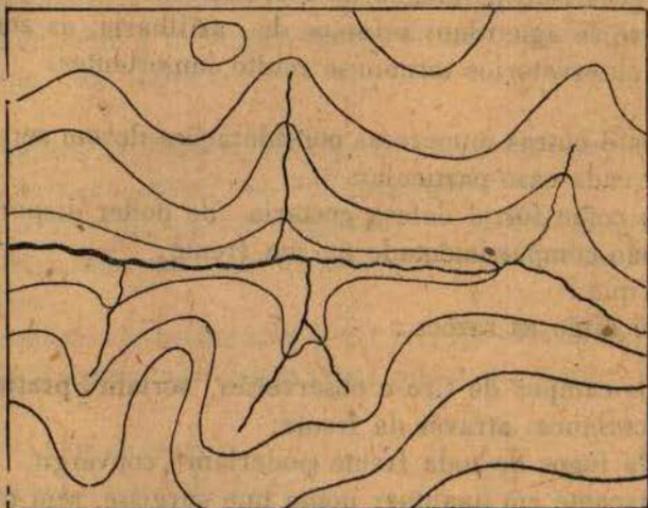


Fig 2

Para reduzir ao máximo essa falta de *terreno ideal* (8) temos sempre procurado instalar a defesa de modo a aproveitar as vantagens que oferecem os compartimentos transversais a direção de progressão do inimigo e a fugir às desvantagens dos corredores. Além disso, nossos batalhões e regimentos recebem zonas de ação, cuja amplitude varia com os predicados defensivos do terreno. Quer isto dizer, um trato de terreno que tem um bom compartimento (bom do ponto de vista do ataque) canalizando a progressão sôbre a posição de resistência, será dado a um regimento com uma frente relativamente estreita, enquanto o terreno adjacente, sem importantes caminhamentos de acesso à posição sê-lo-à a outro com muito mais larga frente.

(8) — No Rio G. do Sul, ha largas zonas de terreno que realizam condições ideais para uma forte e economica organização da defesa. Todos que tomaram parte nas manobras de 1940, podem ter sentido isto. — J. B. M.

A organização do terreno — No passado, isto é, antes da atual guerra, organizavamos o terreno como se vê do esquema da fig. 3.

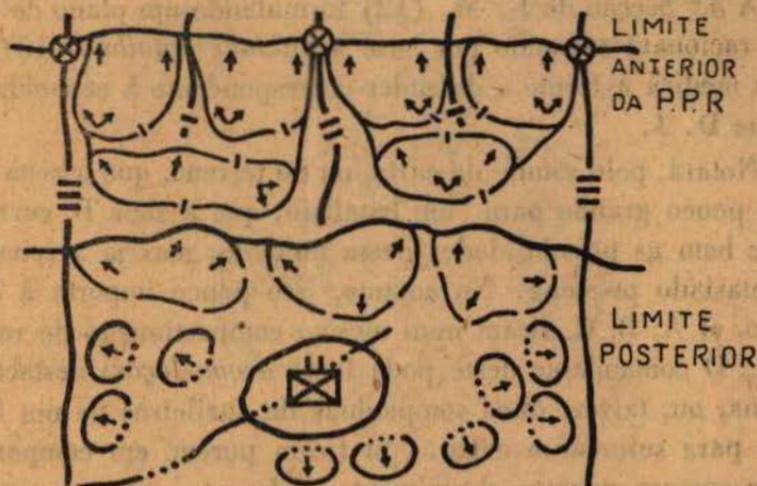


Fig 3

Hoje, concebemos a coisa um pouco diferentemente. Partimos não da organização mas do próprio terreno, para solucionar o problema (9). Estuda-se o terreno na carta e pelas fotografias aéreas (10) e, depois, por meio de reconhecimentos pessoais, escolhem-se as zonas que devem ser defendidas (11) a *todo custo*. Não se deve entender esta expressão à ligeira, mas em todo seu significado literal (a todo custo, mesmo): “*as zonas chaves da defesa devem ser mantidas custe o que custar*”. Escolhidas estas, avaliamos a força de que necessitam para

(9) — Observe-se que em nossa doutrina brasileira, sempre, desde que a adotamos em forma sistemática, fez-se guerra às *soluções esquemáticas*. As questões eram solucionadas, tomando por base a análise dos fatores da decisão, entre os quais o terreno tinha uma importância despótica. Todavia, insensivelmente muitos espíritos mostraram sempre demasiado amor ou tendência aos esquemas, prova de pouco amor ao trabalho mental e vivo. — J. B. M.

(10) — E' exatamente como se aconselhava, em nossa E. E. M. — J. B. M.

(11) — Aqui é que surgem as diferenças para o modo de proceder de antes desta guerra.

combater mesmo ultrapassadas, isoladas ou cercadas. Atribuindo-as, então, as unidades ensaia-se proceder com o mínimo possível de perturbações para estas. Por exemplo:

A 3.^a Secção do E. M. (12) formulando um plano de defesa, racionará tomando por base a *unidade batalhão* (13), e assim medirá a frente a defender correspondente à capacidade de uma D. I.

Notará, pelo estudo da carta, ou do terreno, que a zona A, é um pouco grande para um batalhão; que a zona B, corresponde bem as possibilidades dessa unidade; mas já a zona C é demasiado pequena. No entanto, isso pouco importa à 3.^a secção, si A, B, C, ficam num mesmo compartimento de regimento. O comandante deste pode fazer *acomodações* destacando uma, ou, talvez, duas companhias de fuzileiros de um batalhão para reforçar o outro. Si ficam porém, em compartimentos correspondentes a regimentos diferentes, ela mesma, a 3.^a Secção, fará tirar meios de um para reforçar o outro regimento. (13).

Como se vê, tudo se reduz a tirar o maior partido do terreno tal como se apresenta (13) e não em, ao contrário, querer enquadrá-lo nos *esquêmas da organização*. (13).

Vejamos o partido que se pode tirar deste modo de proceder. (Fig.) 4).

A figura 4 dá uma idéa precisa a respeito. Aí os pontos principais a notar, imediatamente, são:

- 1) — a forma em curva fechada das zonas de ação. Talvez nenhum outro ponto tenha tanta importância, exceto o que entende com a profundidade a dar às zonas defensivas. Em nossa velha concepção da defesa, esta tinha uma *cadacteristica linear*. Quando uma brécha era

(12) — A G-3, como dizem os americanos.

(13) — E' exatamente o que se recomendou ou ensinou sempre em nossas escolas. — J. M. B.

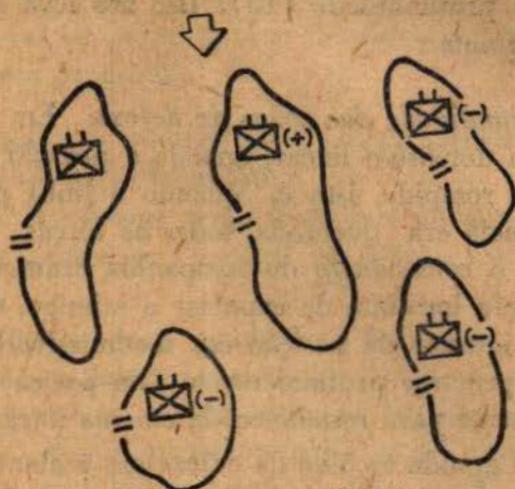


Fig. 4

aberta pelo *Schwerpuncket* germânico, processava-se uma ação de choques, a direita e a esquerda, para demolir os esteios da brecha e para crear hernias no interior da zona defendida. A progressão do ataque não tinha velocidade maior de 2 km por hora!

Agora, (ao *schwerpuncket*, segue-se o *aufrolen*, observamos nós) são os carros blindados, a artilharia de auto propulsão (14) a infantaria transportada em viatura sblindadas, os canhões contra carros (14) etc.

Certamente, falavamos outrora em segurança circular, mas que partido tiravamos disto? A idéia prestou-nos serviços que agradecemos, mas hoje é preciso explorá-la melhor, mais a fundo.

Ha, pouco um batalhão de infantaria (ricamente dotado de meios) teve ordem de ocupar uma posição defensiva. Grosso modo, a posição tinha 10 (dez) me-

4) — O reparo é construído sôbre lagartas, não mais a peça de armão e canhão.

tros de profundidade (15)! Isto nos leva à consideração seguinte :

- 2) — *A profundidade das zonas de defesa.* Em nosso velho sistema defensivo linear, quando a posição de resistência era rompida, isto é, quando a linha principal de resistência era quebrada, todas as forças de que dispunha o *comandante* de companhia eram empenhadas na tarefa imediata de expulsar o inimigo, cuja presença no interior da posição era inadmissível! Si este lograva penetrar profundamente na posição, lutava-se tenazmente para restabelecê-la em sua integridade.

O grande escôlho da defesa era a abertura de uma brecha através da linha principal de resistência, e, quanto falássemos muito no *fechamento* desta brécha não estávamos *honestamente organizados para fazê-lo!*

Agora, porém, não só prevemos, mas esperamos essa penetração e nos habilitamos a reagir. Damos maior profundidade à posição e organizamos poderosos contra ataques sôbre os flancos do adversário que a efêtué.

Jamais nos devemos esquecer de que é-lhe possível, hoje, reunir meios bastantes para romper a posição num ponto dado.

- 3) — A defesa organizada em zonas limitadas por curvas fechadas deixa intervalos entre elas. Como defendê-los? Que dizer a esse respeito? Si tivermos efetivos superabundantes gostaremos de ocupar também esses intervalos, mas jamais o faremos com prejuizo da defesa das referidas zonas. Aliás, se tivermos essa riqueza de meios preferiremos atacar...

Na realidade nossos intervalos serão preenchidos com minas, patrulhas (elementos de defesa moveis) e

(15) — All faced the front and the position was ten yards deep!

principalmente varrê-los-emos com fogos! Faremos de-
les zonas de morte para o inimigo que tente aproveitá-
los para progredir.

Isto posto, que diremos sôbre a organização de nossas zo-
as de defesa em curva fechada?

Diremos que devem poder fazer face ao inimigo em todas
s direções e devem ser capazes de resistir ao ataque com
arros.

Consequiremos esses resultados por meio de um habil
proveitamento do terreno, valorizado pelos obstaculos, minas
o fogo contra carros. Colocaremos no seu interior nossas ins-
lações vitais. E nos prepararemos, moral e materialmente,
ra combater até o kltimo reduto, a *todo custo*.

O que ha de mais importante a referir aqui é que nosso
xito repousa nestas duas premissas :

- uma, é que tudo quanto precisa ser salvaguardado (P.
C., artilharia etc.) deve ficar no interior das zonas
de defesa, porque, como admitimos a penetração do
inimigo no interior da posição, o que ficar fóra da zona
fechada pode cair em suas mãos;
- outra, é que o plano de defesa destas zonas, e sua exe-
cução, deve visar a luta a *todo custo*, o que exige sejam
os homens habituados a essa idéia. Outrora, julgava-
se que êles *reagiam mal* ao ouvir ou perceber o fogo
inimigo a sua retaguarda. (16). Tornou-se isto escolas-
tico e todos acreditavam só poder combater eficiente-
mente um inimigo colocado em frente. Si este alcança-
va a retaguarda tudo estava perdido!

Isto não pode mais ser assim!

O fim, a razão de ser, a *fôrça* da zona de defesa devem
r explicados aos homens e constituir uma doutrina entre eles.

5) — Era um mal julgado se mremédio e sempre a evitar. — J. B. M.

Todos devem crer que, com uma organização *apropriada*, estão em melhores condições que o inimigo que alcançou sua retaguarda. E' este inimigo que fica cercado, não eles mesmos!

A necessidade de manter a zona de defesa a todo custo deve ser incrustada na sua alma como uma crença profunda!

Mesmo a completa destruição de uma outra zona de defesa, a retaguarda, não deve alterar a convicção desta necessidade porque as outras *zonas seguintes* permitiram fechar a brecha atrás do inimigo, cortar seus reabastecimentos e impedir que lhe cheguem reforços, destarte metendo-o num sacco.

Conduta da defesa (17) Que mudou na técnica da conduta da defesa? Não podemos responder precisamente. Não ha ainda experiência bastante. Diremos porém, alguma coisa sobre os respectivos *problemas*.

Habitualmente consideravamos os limites das zonas de ação na defensiva, no interior da posição, passando pelos baixos do terreno para não dividir as responsabilidades da defesa de uma boa zona tática.

Na frente da posição, porém, faziamos passar pelos altos porque aí nosso maior interesse era que o fogo da artilharia sôbre os caminhamentos e possiveis zonas de reunião do atacante, não ficasse sob responsabilidades divididas. E agora? Talvez possamos encará-los do mesmo modo para as finalidades iniciais da batalha e deixar de lado esse modo de vêr para os acontecimentos ulteriores.

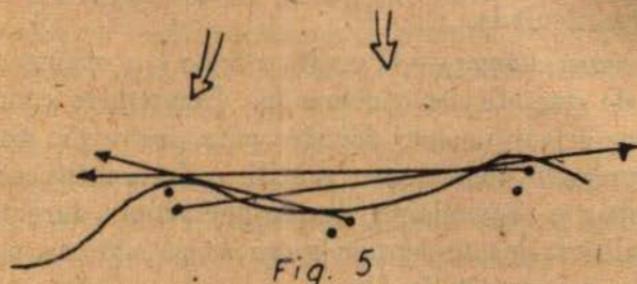
A noção e mesmo a denominação de *linha principal de resistência* perderam a razão de ser e podem sem inconveniente ser riscadas do quadro da defesa. Certamente, com o aumento da profundidade não será possível defini-la como a linha "na frente da qual todos os elementos da defesa devem ser capazes de concentrar seu fogo para quebrar o ataque do inimigo". Talvez essa definição possa ser substituída pela noção de "linha limite do plano de fogo da artilharia" (18) (19).

(17) — Technique of control.

(18) — Planning fire for the artillery to use in making their fire plan.

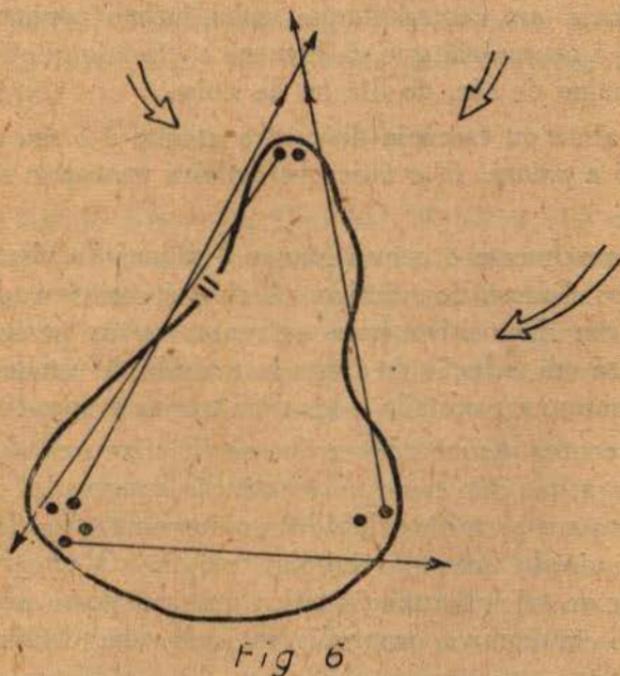
(19) — Tal noção mesma seria muito relativa e não corresponderia a todas as especies de fogos de todas as especies de artilharia atualmente empregadas. A guerra evolue rapidamente. — J. B. M.

Concebemos sempre que a finalidade das barragens de fogo das metralhadoras, era formar zonas de fogos cruzados na frente da posição. (Fig. 5).



Podemos agora encarar esse fogo como tendo por fim proteger toda periferia das zonas de defesa. (Fig. 6).

A diferença essencial é que o fogo em vez de ser lateral tende a ser em profundidade, de frente.



Voltando a questão dos limites, assinalamos que gostaríamos de considerar definitiva sua significação atual, isto é, a "definir as zonas em que cabe aos comandantes das unida-

des vizinhas coordenar sua defesa". Seja como fôr, é fato que alguma coordenação deve ser estabelecida entre as zonas de defesa, para evitar que a situação se possa tornar completamente desarticulada.

O contra ataque — O contra ataque é o recurso mais destruidor de que dispõe o comando. Empregado com propriedade pode ser argumento decisivo para destruição do inimigo. Mal empregado pôde causar sacrificio de homens, como pôde testemunhar o comandante alemão que reuniu durante a noite seus batalhões, deante de numerosas armas inglesas, para vê-los dizimados ao rompêr do dia.

A maior vantagem do contra ataque está no conhecimento que os executantes teem do terreno em que o efetuam. Durante o dia isto tem enorme valor. A noite, as condições são difíceis de definir. Seja como for, não basta que o oficial de E. que planeja um contra ataque tenha intimo conhecimento do terreno, é necessário que os homens e oficiais que o executam conheçam-no de côr, de dia ou de noite.

A alma ou essencia do contra ataque é o seu plano estabelecido *a priori*. E' a única verdadeira vantagem sôbre o inimigo.

Normalmente o contra ataque é *planejado* visando incidir contra os flancos do inimigo. Assim, é este forçado a reorganizar seu dispositivo para enfrentar novos perigos (o que importará em redução da fôrça incumbida de romper) ou para evitar mesmo ser cortado e ter suas tropas avançadas cercadas.

O contra ataque requer que se lhe fixe um *objetivo limitado*, para que não tome uma extensão exagerada, o que seria nocivo e para permitir atingí-lo rapidamente afim de que possa ser organizado antes do inimigo reagir. O objetivo, portanto, deve ser de tal importancia tática que sua posse impeça o inimigo de continuar a progredir antes de conquistá-lo.

O plano do contra ataque deve ser extremamente simples para minimizar o perigo de uma occorrença eventual que trave sua engrenagem. Ao par disso, é preciso examinar todos os pormenores para execução, inclusive a marcação exata

circulação rigorosa (20) das estradas que levam a base de partida.

Ele requer ainda, para não falhar em seus propositos, que todos os fogos coordenados e todas as fôrças necessárias empregadas para sua execução. Nunca se estará *à priori* de sua exata localização, por isso faz-se necessário estabelecer numerosos planos (todos completos) correspondentes às possíveis contingências, com os quais as tropas devem ser familiarizadas e bem assim com o respectivo terreno de execução. Um plano de contra ataque improvisado pode produzir mais prejuizos que beneficios.

Conclusão — Inumeras questões afluem ao pensamento quando consideramos a técnica moderna do combate, cujas soluções ainda estão sendo formuladas no campo de batalha e continuarão a ser por algum tempo ainda. Incumbe-nos antevê-las, porém, e inteligentemente avaliar quais podem ser para que vidas não sejam sacrificadas pela poderosa fôrça da rotina (21).

O estudo feito pelo Ten. Cel. Witehair que acabamos de recordar é um magnifico exemplo do processo de trabalho pelo qual os estados-maiores, reajustam constantemente a *doutrina*, ou, melhor, os *processos de combate* às realidades do campo de batalha. Mostram como aproveitar o melhor conhecimento dos efeitos do material, o emprego de materiais novos ou aperfeiçoados; a experiencia dos exércitos aliados e, principalmente, as reações do inimigo. Não é por certo um trabalho exclusivo de meditação e requer ensaios e exercicios especiais em campos de experimentação ou de instrução.

Tem naturalmente por base, um tal processo, a *coleta* das observações, pareceres, julgamentos ou relatórios originarios dos que combatem ou observam o combate no proprio campo em que os fatos se passam durante e depois dos acontecimentos,

(20) — Controle.

(21) — *That lives may not be sacrificed to the great power of the status quo.*

mas exige um estudo atento, grande poder de analyse e grande habito de sínteses. O pessoal incumbido desses estudos, as elites intellectuais que povoam as *têrceiras secções* dos estados maiores ou formam os quadros de instrutores das escolas, habituados a essa especie de trabalho sabem discernir o joio do trigo, no amontoado de opiniões e impressões que se formam nos campos de batalha. São eles mais aptos a concluir que os próprios porque não se deixam dominar pelas fortes impressões que estes recebem sob a pressão dos acontecimentos a que eles mesmos dão vida.

Quando deparamos com estudo como esse do Ten. Cel. Witehair, e muitos outros analogos, que vão surgindo sôbre o reajustamento da *doutrina de guerra*, sentimos imenso prazer em constatar quanto estava certa a rota que vinhamos trilhando na formação de nossa própria doutrina. o que é facil verificar-se compulsando nossos regulamentos e os trabalhos de nossas principais escolas.

Na realidade, só supuseram que, em face dos acontecimentos, estava perdido todo esse trabalho, os que o não conheciam bem, ou os demasiado modestos.

Precisamos todos convencer-nos de que ter confiança em si é um elemento de força, quando essa confiança é efeito de um trabalho real, dedicado, perseverante e inteligente. O que os outros fazem não nos ensina. Serve para confirmar o que aprendemos, concluímos ou aplicamos por nós mesmos.

BANCO LINO PIMENTEL LTDA.

TRAV. DO OUVIDOR 34 - RIO

DEPOSITOS · DESCONTOS · COBRANÇAS

Abra sua conta e pague com cheque

CONSULTE
NOSSAS
TAXAS